



## O PLURALISMO DE KARL R. POPPER: CRÍTICAS AO PRINCÍPIO DA INVIOABILIDADE DO MUNDO FÍSICO

**Mateus Romanini**

Universidade Federal de Santa Maria – RS - Brasil  
ironmateus@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente artigo visa apresentar as principais críticas de Karl R. Popper às teorias monistas e dualistas, das quais o autor, ao mesmo tempo em que as critica por seu materialismo, também absorve alguns elementos ampliando-as através da adição de um terceiro domínio de objetos, o Mundo 3, que não é abordado nem pelo monismo, nem pelo dualismo. Segundo Popper, tais teorias subjazem ao princípio da inviolabilidade do mundo físico, o que as levaria a assumir um determinismo psicofísico e, conseqüentemente, impossibilitaria a liberdade e a criatividade humanas.

Palavras-Chave: Pluralismo. Karl Popper. Inviolabilidade do mundo físico.

### ***THE PLURALISM OF KARL R. POPPER: CRITICISM TO PRINCIPLE OF THE INVIOABILITY OF THE PHYSICAL WORLD***

**Abstract:** *This article presents the main criticisms of Karl R. Popper to monists and dualists theories, from which the author, while criticizing them for their materialism, absorbs some elements, amplifying them by adding a third domain of objects, World 3, which is not addressed either by monism or dualism. According to Popper, such theories underlie the principle of inviolability of the physical world, which would lead them to assume a psychophysical determinism and thus preclude human freedom and creativity.*

**Keywords:** *Pluralism; Karl Popper; Inviolability of the Physical World.*

\* \* \*

### **Introdução**

O pensamento e a teoria de Karl R. Popper sempre estiveram envolvidos com questões de caráter metafísico. Em sua obra mais famosa, *Logik der Forschung*, Popper defende a ideia de que não pode haver progresso em ciência sem que haja elementos metafísicos envolvidos:

Com efeito, é impossível negar que, a par de ideias metafísicas que dificultam o avanço da Ciência, têm surgido outras – tais como as relativas ao atomismo especulativo – que o favoreceram. Encarando a matéria de um ponto de vista psicológico, inclino-me a pensar que as descobertas científicas não poderiam ser feitas sem fé em ideias de cunho puramente especulativo e, por vezes, assaz nebulosas, fé

que, sob o ponto de vista científico, é completamente destituída de base e, em tal medida, é “metafísica”. (POPPER. 1999a, pp. 39 – 40).

Apesar de esta afirmação ter sido feita em 1934, quando a primeira versão de *Logik der Forschung* foi publicada, é apenas a partir dos anos sessenta que o autor sistematiza em seus escritos<sup>1</sup> uma teoria de cunho metafísico. O próprio autor afirmou que o realismo veladamente defendido em *Logik der Forschung* se tratava de uma posição metafísica, que não podia ser refutada, mas que poderia ser criticada e debatida racionalmente:

Afora a reformulação de minha teoria do conhecimento, um dos meus objetivos, no *Postscript*<sup>2</sup>, era o de mostrar que o realismo de *Logik der Forschung* era passível de debate e crítica. Acentuei que *Logik der Forschung* era o livro de um realista que, naquela ocasião, não ousara dizer muita coisa acerca do realismo. O motivo estava em que, ao escrever a obra, eu não havia compreendido que uma posição metafísica, embora não passível de prova, podia ser criticada e debatida racionalmente. Eu confessara minha posição realista, mas imaginava que isso correspondesse apenas a uma confissão de fé. (POPPER. 1977, p.159).

Apesar de sua obra seminal ter sido concebida no interior de um debate crítico com as doutrinas do Círculo de Viena e do Positivismo Lógico, segundo Popper, ela não se tratava apenas uma obra crítica, ela possuía também um caráter positivo que era o de apresentar uma teoria do conhecimento humano. Seu objetivo principal, era o de “oferecer uma teoria do conhecimento e, ao mesmo tempo, pretendia ser um tratado acerca do método – o método da Ciência.” (POPPER. 1977, p. 93). Esse método, ao contrário do proposto pelo Círculo de Viena, não tinha o intuito de demarcar os campos da ciência e da metafísica, eliminando a segunda afirmando sua carência de sentido, mas sim, buscava demarcar os limites entre as teorias científicas e as pseudocientíficas, sem com isso eliminar a metafísica (ou mesmo as teorias pseudocientíficas) do discurso humano.

A partir da década de sessenta, Popper propôs uma teoria que buscava apresentar uma conjectura sobre como o conhecimento humano teria se originado e como ele progredia, mantendo o método apresentado em *Logik der Forschung*. Tal teoria consiste de um pluralismo que reconhece como reais três âmbitos ou conjuntos de entidades que interagem entre si: das entidades e eventos físicos; dos estados e eventos mentais; e das entidades criadas pela mente humana<sup>3</sup>. Esse pluralismo apresentado e defendido por Popper consiste basicamente de uma ampliação do dualismo interacionista, integrando a este um “terceiro mundo”, composto pelas criações humanas. Segundo Popper (1999b, p.151) “a filosofia

<sup>1</sup> Corvi (cf. 2005, p.77) chama essa etapa do pensamento de Popper de “Obras Metafísicas”, mesmo considerando que talvez seja impróprio atribuir às obras do autor o adjetivo “metafísico”, principalmente se for compreendido no sentido da ontologia clássica. Tal tema pode ser encontrado principalmente em seus textos pós 1960 como *O Eu e seu Cérebro*, *Three Worlds*, *Conhecimento Objetivo*, dentre outros.

<sup>2</sup> Por volta de 1952, Popper preparou vários trabalhos que ele chamou de *Postscript: After Twenty Years*, no qual o autor reexaminou e desenvolveu algumas questões que foram tratadas em *Logik der Forschung*. O *Postscript* nunca foi totalmente publicado, tendo apenas alguns trechos lançados de forma dispersa em algumas de suas obras posteriores. (cf. POPPER. 1977, p.158).

<sup>3</sup> Como será demonstrada posteriormente, essa criação é apenas inicial, pois de algum modo essas entidades acabam por tornar-se autônomas, possibilitando assim a descoberta de problemas não previstos que, por sua vez, possibilitam novas criações visando sua solução.

ocidental consiste amplamente de quadros do mundo que são variações do tema de um dualismo corpo-mente e de problemas de método ligados a eles. Os principais desvios desse tema dualista ocidental foram tentativas de substituí-los por alguma espécie de monismo.”

Considerando que, para Popper, o problema da realidade não é contemplado satisfatoriamente pelas teorias monistas e dualistas, as quais não aceitariam a realidade de entidades abstratas objetivas tais como as que o autor propôs, é preciso então criar uma nova teoria que venha a dar conta dos aspectos não tratados pelas teorias já existentes. Assim o pluralismo surge como solução para o problema que trata sobre que tipos de entidades são reais.

## 1. Algumas considerações sobre o Monismo e o Dualismo

Pode-se dizer que há dois pontos de vista predominantes – o que não quer dizer que sejam os únicos – sobre que tipos de entidades devem ser consideradas reais. Um deles foi – e parece continuar sendo – amplamente defendido pelos filósofos contemporâneos, consiste em atribuir realidade apenas às entidades e eventos físicos, sejam eles observáveis ou inobserváveis. Esta visão pode ser chamada de monismo. A outra consiste em tomar como reais não somente as entidades físicas, mas também as experiências subjetivas dos estados e eventos mentais. Este é o ponto de vista dos autores que defendem o dualismo, ponto de vista que parece ser bastante aceito pelo senso comum, principalmente no âmbito religioso.

Frente a estas duas posições, mas de modo algum tentando refutá-las<sup>4</sup>, Popper propõe como opção uma espécie de pluralismo de terceiro mundo ou de Mundo 3, que reconhece pelo menos três subuniversos inter-relacionados que compõem a realidade. Segundo Popper (1978, p.143) “há, primeiramente, o mundo que consiste dos corpos físicos: de pedras e de estrelas; de plantas e de animais; mas também de radiação, e de outras formas de energia física.” Popper chama este mundo de Mundo 1. Em segundo lugar, há “o mundo mental ou psicológico, o mundo dos nossos sentimentos de dor e de prazer, dos nossos pensamentos, das nossas decisões, das nossas percepções e das nossas observações; em outras palavras, o mundo dos estados ou processos mentais ou psicológicos, ou das experiências subjetivas.” (Idem.). A este segundo mundo Popper denomina Mundo 2. Por fim, Popper defende a realidade de um terceiro mundo, segundo o autor o Mundo 3 é “o mundo dos produtos da mente humana, tais como linguagens; contos e histórias e mitos religiosos; conjecturas ou teorias científicas, e construções matemáticas; músicas e sinfonias; pinturas e esculturas.” (Idem.). Ao mesmo tempo em que é produto da mente humana, o Mundo 3 também possui uma autonomia que não é controlada pelos homens criadores das entidades que nele habitam. É essa autonomia que possibilita a descoberta de novos problemas – que por sua vez não são criados, mas descobertos através da análise e argumentação dos objetos do Mundo 3 – para a construção de novas teorias. Segundo Popper, somente assim seria possível falar de um conhecimento objetivo. Deste modo Popper é um realista com relação aos mundos 1, 2 e 3.

<sup>4</sup> Popper (cf. 1978, p.148) não tem a pretensão de que ele possa refutar as concepções monista e dualista, visto que se tratam de teorias metafísicas e, portanto, irrefutáveis. O que o autor almeja é desafiá-las, propondo e defendendo um ponto de vista distinto dessas concepções.

## 2. Materialismo ou fisicalismo<sup>5</sup> e as posições monista e dualista

É possível afirmar que há diversas teorias materialistas ou fisicalistas sobre a realidade. Paul M. Churchland menciona em seu livro *Matéria e consciência* (2004) algumas delas, como, por exemplo, o materialismo reducionista – ou teoria da identidade – e o materialismo eliminacionista. Na sua taxonomia das teorias, tratada sob o tema do problema mente-corpo, Churchland distingue teorias dualistas de teorias materialistas ou fisicalistas, o que parece não tornar possível considerar uma teoria dualista como sendo ao mesmo tempo materialista.

Para adequar as propostas dos dois autores visando sempre a maior clareza possível na explanação evitando identificar o monismo com o materialismo, assumir-se-á um princípio proposto por Popper na obra *O eu e seu cérebro* (1991). Pode-se afirmar que o que une as diferentes posições materialistas ou fisicalistas não é a aceitação de um monismo (como pode inicialmente parecer se a proposta de Churchland for seguida à risca), mas sim o princípio fisicalista da inviolabilidade do mundo físico (ou do Mundo 1, se aceitarmos a terminologia proposta por Popper)<sup>6</sup>. Tal princípio afirma que ou há somente entidades físicas, ou, se há algo como entidades e eventos mentais ou mesmo entidades abstratas, elas são reduzidas a entidades físicas ou então não atuam ou interagem com estas entidades.

O princípio proposto não impossibilita tomar teorias dualistas como sendo materialistas ao mesmo tempo em que mantém praticamente intacta a distinção feita por Churchland para cada teoria em particular. Visando um maior esclarecimento quanto à relação entre as teorias materialistas e as posições monista e dualista será proposta uma distinção entre duas espécies de materialismo ou fisicalismo, uma que assume fortemente apenas a posição monista e outra que aceita a posição dualista.

À primeira espécie mencionada, pode-se chamar de materialismo ou fisicalismo radical. Esse tipo de posição consiste essencialmente no banimento de quaisquer fenômenos ou termos linguísticos que se refiram a entidades mentais ou a termos relacionados à psicologia de senso comum. Dentro desse primeiro grupo de teorias podem ser mencionadas duas tendências, que não necessariamente são as únicas: uma é a do behaviorismo filosófico e a outra do materialismo eliminacionista<sup>7</sup>. Enquanto a primeira não aceita a realidade ou existência de processos e eventos mentais alegando que eles são constituídos por disposições para o comportamento, tomando assim o problema ontológico da existência de entidades e eventos mentais como um pseudoproblema filosófico, o materialismo eliminacionista visa eliminar do discurso científico quaisquer conceitos psicológicos provindos do senso comum, pois esses conceitos seriam tão pobres em seu

<sup>5</sup> O materialismo geralmente é associado a posições metafísicas que dizem respeito diretamente à questão da realidade, enquanto que o fisicalismo está relacionado à epistemologia, ao conhecimento e às teorias científicas. Popper não faz uma diferenciação estrita entre esses termos, de modo que, para os fins do presente artigo, eles serão tratados como intercambiáveis.

<sup>6</sup> Segundo Popper (cf. 1991, p.77), este princípio da inviolabilidade do Mundo 1 consiste em que “todos os processos físicos podem ser explicados e entendidos, e devem ser explicados e entendidos, inteiramente em termos de teorias físicas.”, isso que dizer que o mundo das entidades físicas é auto-contido e fechado, não recebe influência de nada que não seja físico e seus fenômenos não podem ser explicados por nada que transcenda as teorias físicas.

<sup>7</sup> Popper não menciona o materialismo eliminacionista em sua crítica ao materialismo, porém, devido sua crítica de um modo geral atacar qualquer forma de materialismo parece válido mencioná-lo aqui.

conteúdo explicativo que atrapalhariam o desenvolvimento bem sucedido da neurociência e, conseqüentemente, de uma melhor compreensão dos fenômenos que ocorrem no cérebro.

Ao contrário do materialismo radical, o materialismo ou fisicalismo moderado, que aqui pode ser chamado também de dualismo materialista, aceita a existência de coisas tais como estados ou eventos mentais, porém essas não causam efeito algum no mundo físico ou então são identificados ou reduzidos a entidades e eventos físicos. Essa redução ou identificação não exclui da linguagem os termos da psicologia do senso comum, ou mesmo a possibilidade de tais fenômenos existirem. As teorias que assumem esse tipo de materialismo podem ser consideradas como espécies de dualismo ou paralelismo, onde o aspecto mental se desenvolve de forma autônoma sem com isso influenciar o aspecto físico dos fenômenos. É devido a esse paralelismo que essas posições serão tratadas no interior do materialismo, pois elas não ferem o princípio da inviolabilidade do mundo físico proposto por Popper.

Dentre as teorias que se encaixam no perfil do materialismo ou fisicalismo moderado podem ser mencionados o panpsiquismo, o epifenomenalismo, a teoria da identidade e o funcionalismo, essa última ficando no limiar entre o dualismo materialista e o dualismo interacionista. As duas primeiras teorias têm raízes muito antigas<sup>8</sup> e, pelo menos nas suas formas originais, parecem ter sido abandonadas pelos pensadores contemporâneos. Por outro lado, a teoria da identidade surge como uma promessa de melhor explicação dos fenômenos mentais identificando-os com os fenômenos físicos. Já o funcionalismo, assim como o materialismo eliminacionista surge como contra-proposta materialista à teoria da identidade. Todas essas teorias, com exceção da teoria funcionalista, respeitam o princípio da inviolabilidade do mundo físico proposto por Popper.

### 3. Críticas ao Princípio da Inviolabilidade do Mundo Físico

Não é de interesse para o presente trabalho discutir os pormenores da crítica de Popper a cada uma das posições acima mencionadas<sup>9</sup> visto que o objetivo aqui é apenas apresentar o panorama no qual surge sua teoria dos três mundos assim como as posições contra as quais Popper propôs e defendeu uma concepção alternativa que, de certo modo, as engloba. O que será apresentado a seguir são objeções mais gerais às posições monista e dualista, em especial levando em consideração o aspecto materialista de ambas, ou seja, a adoção do princípio da inviolabilidade do mundo físico por parte dessas teorias. Segundo Popper (1978, p.148):

[...] eu estou, assim como o dualista, preparado para concordar com muito do que o materialista monista diz; na verdade, com tudo exceto sua negação de um Mundo 2 de experiências [mentais] e de um

<sup>8</sup> Segundo Popper (cf. 1991, p.95s), traços da noção panpsiquista podem ser encontrados entre os gregos antigos, enquanto que o epifenomenalismo, mesmo sendo bem mais recente, pode ser considerado uma espécie de panpsiquismo, porém aplicado somente aos seres vivos e não a todas as coisas materiais.

<sup>9</sup> Para um maior esclarecimento das objeções mais pontuais às posições acima apresentadas ver: POPPER, Karl; ECCLES, John. **O eu e seu cérebro**. Para uma visão mais contemporânea e mais ampla dos problemas abordados pela filosofia da mente e do debate mente-corpo ver: CHURCHLAND, Paul M. **Matéria e consciência**.

Mundo 3 de objetos abstratos [...]. E similarmente, eu concordo com tudo o que o dualista diz, exceto com sua crença implícita que a Quinta Sinfonia [assim como outras criações da mente humana] é identificada com nossas experiências de ouvi-la, ou de lembrá-la.<sup>10</sup>

Popper afirma que há determinados objetos ou entidades, como a Quinta Sinfonia, que não podem ser reduzidos as posições anteriormente mencionadas. Segundo Popper é impossível, apelando ao monismo ou ao dualismo, explicar como a execução de uma sinfonia pode agradar e comover um grande número de pessoas, ou então, mesmo sendo maravilhosamente executada, poucas pessoas apreciarem-na. Nesse sentido, o que é possível ao monista e ao dualista é sugerir que uma melhor execução ou performance de uma sinfonia seja aquela para a qual um maior número de pessoas reage com aprovação, seja através do comportamento verbal, no caso de um materialista, ou pela prazerosa experiência pessoal, como diria um dualista.

### 3.1 A Realidade de Padrões Abstratos

De forma semelhante ao exemplo da sinfonia, ocorreria com a aceitação de uma teoria, que assim como a sinfonia é considerada por Popper um produto criado pela mente humana. Uma teoria seria aceita conforme a reação de aprovação ou aceitação que a tornaria verdadeira, não haveria uma avaliação objetiva da veracidade ou falsidade da própria teoria. Esta avaliação, segundo Popper, somente pode ocorrer quando ela for tratada seguindo os padrões abstratos de verdade e validade que também pertencem ao Mundo 3. Os padrões reguladores de verdade, atribuídos às descrições e explicações que são encontradas nas teorias, e de validade, atribuído a argumentos constituídos por inferências válidas, são de grande utilidade, por isso, mesmo sendo abstratos, devem ser considerados reais no sentido de que exercem influência sobre o mundo físico.

O padrão de verdade é responsável pela aceitação ou não de uma descrição ou explicação como sendo verdadeira ou falsa. A verdade de uma descrição ou explicação está diretamente relacionada com os fatos que elas explicam ou descrevem, a verdade se dá sempre em relação aos fatos de modo que ao explicar um determinado fenômeno, essa explicação ou descrição será verdadeira se e somente se for condizente com o fenômeno explicado, do contrário ela será falsa. Esse padrão é de extrema importância para a tomada de decisões com base nas informações que são transmitidas de um indivíduo a outro, pois uma informação falsa pode levar a uma ação desastrosa, como dizer que “o cogumelo *Amanita phalloides* (também conhecido por ‘chapéu da morte’) não é venenoso” ou mesmo que “tocar em um fio de alta voltagem em determinadas circunstâncias não eletrocutará uma pessoa”.

O conteúdo informativo de uma descrição ou explicação verdadeira é útil na medida em que ele não seja nulo, como no exemplo “a estrela da manhã é a estrela da tarde” ou “cabos elétricos de alta voltagem ao serem tocados com as mãos nuas

<sup>10</sup> Popper concorda com o monista e com o dualista com relação a materialidade e a experiência subjetiva causada pela Quinta Sinfonia, porém ele acredita, indo além das posições mencionadas, que a sinfonia é uma entidade por si só, ou seja, independentemente dos aspectos físicos e da experiência subjetiva causada pela sua execução, ela é uma entidade criada por um ser humano e pertencente ao Mundo 3, portanto, real e objetiva.

e sem o equipamento apropriado podem eletrocutar e levar ao óbito”, isto é, quando há acréscimo de informação na descrição ou explicação. Não obstante, há conteúdos informativos, como os contidos nas tautologias, como na sentença “as mesas são mesas”, “fios elétricos são fios elétricos” ou “o cogumelo *Amanita phalloides* é um cogumelo”, que são inúteis, pois nada informam, por isso, acredita Popper, a verdade não pode ser identificada com sua utilidade, pois pode haver conteúdos informativos verdadeiros e inúteis.

A validade de uma inferência ou de um argumento, por sua vez, tem sua utilidade relacionada à possibilidade de considerar uma explicação como sendo um tipo especial de inferência válida. Uma inferência válida sempre transmite a verdade das premissas para a conclusão e, no caso de uma conclusão falsa, retransmite a falsidade da conclusão para pelo menos uma das premissas envolvidas. Segundo Popper o método característico para a produção de explicações é o método dedutivo. Popper afirma que a Lógica dedutiva permite que a verdade seja transmitida das premissas (explicans) para a conclusão (explicandum), mas não o contrário, isto é, de uma conclusão verdadeira não é possível afirmar a verdade das premissas, podendo inclusive ser o caso de pelo menos uma dessas premissas ser falsa – o que quer dizer que de premissas falsas é possível ter uma conclusão verdadeira. Por outro lado, a retransmissão da falsidade é uma exigência da lógica dedutiva que afirma que, em a conclusão sendo falsa, pelo menos uma das premissas também o deve ser.

Deste modo, apenas a verdade pode ser transmitida, nunca a utilidade do conteúdo informativo. Dado que o conteúdo informativo de uma conclusão válida não pode possuir mais conteúdo informativo do que o contido nas premissas, esse conteúdo pode deteriorar-se de modo a fazer com que uma conclusão válida e verdadeira tenha seu conteúdo informativo nulo ou praticamente nulo. Isso quer dizer que, de uma teoria altamente informativa e útil, pode-se tirar uma conclusão pouco ou nada informativa e inútil. Uma inferência válida transmite a verdade, mas nem sempre a utilidade, portanto nem toda inferência válida é um instrumento útil.

O materialismo, segundo Popper, é auto-anulável porque, mesmo sendo coerente e possivelmente verdadeiro, ele não pode ser sustentado por argumentos racionais, exatamente porque a racionalidade dos argumentos está na utilização de princípios lógicos (cf. POPPER. 1991, p.113), princípios esses que não podem ser considerados reais pelo materialista. Essa insustentabilidade decorre da impossibilidade por parte do materialista ou fiscalista de admitir a utilidade de um sistema lógico abstrato, pois deste modo estaria atribuindo realidade a algo não físico. Ao afirmar que nem toda inferência válida é útil Popper parece querer demonstrar que, mesmo não sendo útil para a sobrevivência, existem inferências inúteis cujas disposições não precisariam ter sido desenvolvidas no processo da evolução do cérebro, segundo Popper tais inferências surgiriam como resultados não esperados das teorias e padrões do Mundo 3. Deste modo, o materialismo pode até mesmo ser verdadeiro, mas é incompatível com a aceitação de padrões lógicos que possibilitem teorias cujas conclusões não sejam de algum modo úteis à sobrevivência e para a evolução da espécie.

O princípio da inviolabilidade do mundo físico não pode admitir a realidade de padrões lógicos abstratos. Os materialistas, em especial os materialistas radicais, tratam esses padrões como uma espécie de disposição adquirida através de seleção natural ou por meio de processos de aprendizagem. Popper concorda com a importância dada a esses dois aspectos, ambos são importantes para o

desenvolvimento do pensamento lógico, pois somente um cérebro bem desenvolvido e treinado (ou ensinado) é capaz de trabalhar com os princípios da lógica. O que Popper não admite é que os padrões lógicos sejam tomados em sua totalidade enquanto disposições dos cérebros dos indivíduos que fariam com que os padrões lógicos sejam aceitos, tornando-os válidos por meio dessa aceitação<sup>11</sup>. Para o materialista, somente esses padrões assim aceitos seriam tomados como adequados, ou seja, somente certos tipos de comportamento verbal ou a capacidade de conectar opiniões e ideias umas com as outras de forma coerente, o que em algum momento se tornou útil para a sobrevivência e que por isso foram selecionados ou apreendidos, podem ser tomados como padrões válidos para a lógica.

### 3.2 A Linguagem Humana

Além de não poder aceitar a realidade de princípios lógicos abstratos as teorias que subjazem ao princípio da inviolabilidade do mundo físico apresentam outro problema: teorias causais fisicalistas ou materialistas não seriam capazes de explicar a linguagem humana (cf. POPPER. 1972, pp. 323 – 329), mais especificamente, não seriam capazes de tratar das funções que somente a linguagem humana possui. Popper afirma que a linguagem humana é mais rica e complexa do que as linguagens dos demais animais porque ela possui duas funções que não se fazem presentes nessas últimas. A descrição e a argumentação são funções que evoluíram junto com o desenvolvimento da espécie humana. Elas são responsáveis pela complexidade e pela riqueza da sua linguagem, linguagem essa que permite, além de uma comunicação mais precisa, a criação de teorias científicas e filosóficas, de religiões, ideologias diversas, mitos, instituições e toda e qualquer forma pela qual o ser humano compreende o mundo e age sobre ele. Além dessas duas funções que Popper denomina funções superiores da linguagem, há outras duas denominadas funções inferiores da linguagem que são a função expressiva e a função sinalizadora e que podem ser encontradas nas linguagens de todos os animais. A definição de que função está sendo utilizada vai depender da intencionalidade do sujeito, se quando ele fala ou escreve intencionalmente ele expressa, sinaliza, descreve ou argumenta sobre alguma coisa. “O comportamento linguístico de duas pessoas (ou da mesma pessoa em duas épocas diferentes) pode ser indistinguível; contudo uma delas pode estar descrevendo ou argumentando e a outra só expressando (ou estimulando).” (POPPER. 1972, p. 325).

Popper afirma (cf. 1991, pp. 86 – 87) que a análise da linguagem feita pelo materialista ou fisicalista radical não pode ir além das duas funções inferiores. Toda e qualquer explicação materialista ou fisicalista sobre o mundo deve ser uma explicação causal, todas as experiências humanas devem ser explicáveis em termos dessa causalidade. Toda relação causal deve se dar em termos puramente físicos

---

<sup>11</sup> Popper admite que existam algumas disposições do tipo proposto pelo materialista. Essas disposições seriam as *intuições lógicas*, e são opostas aos padrões lógicos propostos por Popper. Popper admite a existência dessas intuições ao mesmo tempo em que afirma que elas nem sempre são confiáveis e que por isso não devem servir de padrões últimos para a racionalidade. Dada sua falibilidade, é necessário que existam objetos que não estão encarnados ou corporificados no mundo físico; para que essas intuições sejam corrigidas é necessário recorrer a algo como o valor de uma inferência, aos padrões da lógica enquanto princípios não corpóreos pertencentes ao Mundo 3, princípios esses que os lógicos estão dispostos a aceitar porque são válidos por si mesmos e não por alguma espécie de convencionalismo.

ou entre entidades físicas, pois somente entidades físicas possuem a capacidade de causar algum efeito sobre a realidade. Popper afirma que qualquer teoria fisicalista ou materialista sobre o comportamento linguístico somente leva em consideração as duas primeiras funções da linguagem, pois se a intencionalidade – que é um fenômeno mental ou do Mundo 2 e, portanto, não pode ser aceita como real pelo princípio fisicalista ou materialista da inviolabilidade do mundo físico, ou Mundo 1 – não for levada em consideração as funções superiores da linguagem são reduzidas as funções inferiores, sendo assim não mais que casos especiais dessas funções. Segundo Popper isso tornaria inexistentes as descrições e os argumentos:

Isso se aplica, mais especialmente, a filosofias como o behaviorismo, e às filosofias que procuram defender a autosuficiência do mundo físico – o epifenomenalismo, o paralelismo psicofísico, as soluções de duas linguagens, o fisicalismo e o materialismo (todas elas levam à mesma demonstração – não intencional, sem dúvida – de que argumentos não existem). (POPPER. 1972, pp. 326 – 327).

Ao aceitar o princípio da inviolabilidade do mundo físico, essas teorias tentam explicar o fenômeno da linguagem humana por meio de uma explicação causal física. Interpretar a linguagem desse modo equivaleria a tomar como relevantes apenas as funções inferiores da linguagem e, portanto, perder-se-ia a capacidade humana de fazer afirmações falsas ou verdadeiras e de produzir argumentos válidos ou não.

Algo como a descrição de um evento ou fenômeno, assim como seu uso sob forma de proposição em um argumento, não pode ser explicado apelando apenas à causalidade, ela envolve intenção, coisa que nenhum evento causal puramente físico possui. Máquinas, por mais perfeitas que sejam, não fazem descrições. Elas no máximo expressam um estado interno provocado por algum evento externo, para o qual ela está programada de tal e tal modo para reagir. Segundo Popper é um fato que seres humanos não argumentam com máquinas, pois elas não refletem sobre o que estão fazendo ou expressando, ao contrário do ser humano ao qual se atribui intenção ao descrever e argumentar sobre um determinado assunto. Para o autor,

Se falamos a outras pessoas – especialmente se discutimos com elas – estamos admitindo (quem sabe erroneamente) que elas também argumentam; que falam deliberadamente sobre as coisas, desejando seriamente resolver um problema, e não apenas se comportando como se estivessem resolvendo. Já se observou muitas vezes que a linguagem é um fato social; que o solipsismo e as dúvidas sobre a existência de outras mentes se tornam contraditórios, se não formulados em uma linguagem. Podemos agora enunciar essa idéia mais claramente. Ao argumentar com outras pessoas (algo que nos foi ensinado por outras pessoas) – por exemplo, a respeito de outras mentes – não podemos deixar de atribuir-lhes intenções, ou seja, estados mentais. Não argumentamos com um termômetro. (POPPER. 1972, p. 327)

### 3.3 A Deficiência do Modelo Puramente Causal

O modelo causal implícito nas teorias que assumem o princípio da inviolabilidade do mundo físico é, segundo Popper, um modelo deficiente. O exemplo utilizado pelo autor é o de uma máquina capaz de realizar a análise de cadeias causais de eventos, ligando um nome a cada evento particular. Para que se

possa identificar uma cadeia causal é preciso que se estabeleça o início e o fim dessa cadeia. O problema é que não é possível estabelecer esses pontos através da situação física objetiva, a delimitação da cadeia causal é algo que sempre se dá pelo interesse ou pela interpretação do sujeito que está a descrever os fatos. No entanto, isso é um fato sobre esse sujeito em particular, não um fato sobre o mundo físico propriamente dito. Outro sujeito pode vir a descrever o mesmo fato tomando como pontos inicial e final momentos diferentes do evento ocorrido. Objetivamente, na medida em que o mundo físico é tomado por si mesmo como sendo autossuficiente, o mundo físico não apresenta nada como “o início” ou “o fim” de uma cadeia causal, mas apenas a sequência contínua e extremamente complexa de causas e efeitos, que se estende indefinidamente tanto para o futuro quanto para o passado, para muito além dos eventos e estados que são descritos pelos indivíduos.

Deste modo, o início e o fim de uma relação causal são dados pela interpretação ou intenção dos sujeitos (que ocorre no Mundo 2, nunca no Mundo 1) e não por uma situação física objetiva, impossibilitando assim que a função descritiva da linguagem seja explicada causalmente, pois a descrição é, em certa medida, intencional. Como a função argumentativa depende da função descritiva, nenhuma das funções superiores da linguagem pode ser aceita pelas teorias que assumem o princípio da inviolabilidade do mundo físico e, conseqüentemente, a própria linguagem humana, as teorias científicas e filosóficas, a lógica além de todo o conjunto de entidades que somente é possível devido a essas funções deixariam de ser reais, ou mesmo possíveis. Segundo Popper (cf. 1972, pp. 328 – 329), as relações lógicas são abstrações que influenciam a mente humana na interação com o mundo físico. Somente o determinismo físico, que Popper considera errôneo, nega que haja interação entre estados físicos e mentais, isso sem falar da intervenção das entidades abstratas sobre os processos mentais.

## Conclusão

O princípio de inviolabilidade do mundo físico parece levar de algum modo ao determinismo físico, pois, por não poder aceitar que entidades ou coisas não físicas causem efeitos sobre o mundo físico, toda explicação deve ser dada em termos de causa e efeito mecânicos ou físicos, como se todas as ações e fenômenos pudessem ser explicados em termos das regularidades causais estipuladas pelas leis da física, para as quais todas as demais leis poderiam ser reduzidas.

Popper não aceitou esse reducionismo por acreditar que ele levaria ao determinismo. Sua defesa da realidade da liberdade, da responsabilidade moral, da criatividade humana, assim como sua explicação da racionalidade humana e do crescimento do conhecimento no sentido objetivo enquanto uma atividade racional não coadunam com o determinismo, por isso o autor via a necessidade de uma teoria pluralista.

Segundo Popper, não parece ser possível compreender a complexidade do mundo utilizando-se apenas das teorias monista e dualista, é preciso criar uma nova teoria que aborde os aspectos que essas não alcançam, tanto com relação à liberdade humana quanto com relação à realidade de entidades não-físicas. Teorias monistas e dualistas não seriam capazes de explicar o mundo de modo satisfatório porque, ao endossarem o princípio da inviolabilidade do mundo físico, elas não permitiriam que novas e criativas soluções a problemas surgissem, tornando impossível o crescimento do conhecimento humano.

\* \* \*

## Referências

- CHURCHLAND, Paul M. *Matéria e Consciência: Uma Introdução Contemporânea à Filosofia da Mente*. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CORVI, Roberta. *An Introduction to the Thought of Karl Popper*. Taylor & Francis e-library, 2005.
- POPPER, Karl R. *A Lógica da Investigação Científica*. Trad. Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1975.
- POPPER, Karl R. *A Lógica da Pesquisa Científica*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix Ltda., 1999a.
- POPPER, Karl Raimund. *Autobiografia Intelectual*. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1977.
- POPPER, Karl Raimund. *Conhecimento Objetivo: Uma Abordagem Evolucionária*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1999b.
- POPPER, Karl Raimund. *Conjecturas e Refutações*. Trad. Sérgio Bath. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1972.
- POPPER, Karl Raimund. *Textos Escolhidos*. Org. David Miller. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed PUC-Rio, 2010.
- POPPER, Karl Raimund. *Three Worlds*. In: *The Tanner Lectures on Human Values*. The University of Michigan, 1978.
- POPPER, Karl R.; ECCLES, John C. *O Eu e Seu Cérebro*. Trad. Sílvio Meneses Garcia, Helena Cristina F. Arantes e Aurélio Osmar C. de Oliveira. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1991.